

VISÕES SOBRE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA ENCICLOPÉDIA NOSSAS CRIANÇAS (1970)

Bianca Nascimento de Freitas ¹
Giordana Nascimento de Freitas e Silva ²

RESUMO

Compreender a trajetória de luta das pessoas com deficiência pelo reconhecimento de seus direitos e participação ativa na sociedade é relevante para que o movimento da inclusão possa ser efetivado, entre outros, nos ambientes de educação formal e não formal. Para tanto, se faz necessário conhecer as concepções sobre as Pessoas com Deficiência no domínio dos documentos norteadores que se dedicam ao estudo destas. Nessa perspectiva, esta pesquisa busca refletir, centralmente, como as crianças com deficiência eram concebidas tendo como base a fonte de pesquisa intitulada Enciclopédia Nossas Crianças, publicada pela editora Abril, a partir da década de 1970. A referida enciclopédia apresenta diversos artigos sobre crianças com deficiências intelectuais e físicas, além de abordar como esses sujeitos devem ser tratados para serem socialmente aceitos. Esse estudo está distribuído em sessões da enciclopédia, que abordam as crianças com deficiência nos âmbitos da psicologia, vida escolar, pediatria, saúde e higiene, mas, sobretudo, na sessão Criança Problema. O presente estudo enfoca, portanto, as percepções sobre o referido grupo na enciclopédia Nossas Crianças. Com efeito, pode-se concluir, a partir das análises desta pesquisa em desenvolvimento, que os indivíduos em foco com dificuldades de aprendizagem eram apresentados nas mesmas sessões em que apareciam discussões sobre crianças preguiçosas, desatentas e indisciplinadas reforçando, com isso, os processos de estigmatização e preconceito que, atualmente, ainda podem ser identificados nos espaços educacionais.

Palavras-chave: Educação, Pessoas com deficiência, Enciclopédia Nossas Crianças, Inclusão.

INTRODUÇÃO

A medida que a criança ganha maturidade física, obtém, também, maturidade mental e capacidade de orientar sua liberdade. A criança retardada, cuja maturidade mental está muito mais atrasada do que a física, bastas vezes não pode resolver inteligentemente as situações, embora seja capaz de movimentar-se como uma criança normal. (...) Ajudando a criança a controlar sua conduta, à proporção que se desenvolve, estabeleça limites, dentro dos quais poderá agir livremente (A Criança [...], 1961, p. 229-230).

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, biancanascf@gmail.com;

² Pós-graduanda em Educação Inclusiva na Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, giordana.nascimento@ufc.br.

A citação acima é um trecho do capítulo intitulado “Problemas de conduta” da enciclopédia “As Crianças e Nós”, particularmente, do volume denominado "Crianças excepcionais". A referida enciclopédia, datada do final da década de 1950, traz entre os seus assuntos principais a educação sexual da criança, relacionamentos familiares, sua orientação profissional e as chamadas crianças excepcionais.

A publicação da editora Fundo de Cultura, segue em geral a mesma metodologia de outras do mesmo grupo editorial: exposição dos temas, identificação dos obstáculos para um melhor desenvolvimento da criança e apresentação das intervenções necessárias para a superação dos problemas. Elas convergem para um mesmo objetivo: identificar as condutas tidas como impróprias, educar moralmente as crianças e reprimir o que não se enquadra no modelo de criança ideal. O discurso científico é o que legitima essa prática educacional, que está situada em um Brasil autoritário, onde as enciclopédias apresentam os debates que estavam em alta naquele momento.

Populares no Brasil, especialmente a partir dos anos 50 do século XX, as enciclopédias eram vendidas de porta em porta ou oferecidas nas escolas. Elas eram famosas por trazerem, além dos conteúdos escolares, temas relacionados à higiene, à saúde, ao comportamento, à família e tudo o que fosse relacionado ao universo da criança, ocupando um lugar central nesse debate. Ademais, as enciclopédias eram também símbolo de conhecimento e cultura entre as famílias de classe média e carregavam consigo princípios, modelos e regras que validavam um determinado padrão de sociedade, utilizando a educação como meio de atualizar e preparar os brasileiros para o Brasil moderno, proclamado nos discursos oficiais dos anos 1960-70.

Publicadas por grandes editoras, as enciclopédias interagiam com outros tipos de publicações de referência como os almanaques e eram capazes de tocar em uma grande variedade de assuntos simultaneamente, inclusive educação. Aliás, essa era uma temática bastante popular nas enciclopédias brasileiras. Essas produções construíam visões do que era o processo educativo, o que era considerado relativo ao universo infantil, o que compreendia o perfil ideal de criança e as relações que estabelecia com instituições como a escola e a família.

Nessa perspectiva, em meio a tantos títulos, destacamos a enciclopédia *Nossas Crianças*,³ a qual surgiu em 1970, com uma “coleção de 90 fascículos, cada um com 16 páginas internas, mais 4 páginas de capa”. A enciclopédia unia os mais diferentes

³ Até agora foram localizadas três edições dessa enciclopédia, variando entre 7 e 6 volumes dependendo da organização dos fascículos.

temas relacionados aos cuidados com a criança, desde noções básicas de higiene até a pediatria para ajudar “pais e educadores a enfrentarem os pequenos problemas do dia a dia”.⁴ Ao final, *Nossas Crianças* formava 6 volumes de 15 fascículos cada, tendo ainda um volume a parte, o sétimo, formado pelas 4 páginas de capa, intitulado *O desenvolvimento da criança*, analisando todas as transformações que ocorrem desde a concepção até a puberdade. *Nossas Crianças* se apresenta com o intuito de reforçar o compromisso assumido pela Abril de abranger o máximo de conteúdo possível sem perder o rigor científico. Esse último quesito era importante, sobretudo, em virtude dos novos padrões culturais da vida urbana para os quais as crianças deveriam ser preparadas.

Assim sendo, esta pesquisa busca refletir, centralmente, como as crianças com deficiência eram concebidas, tendo como fonte a enciclopédia em questão. Isto porque, acreditamos que a compreensão sobre as diferentes concepções atribuídas às pessoas com deficiência, evidencia sua trajetória na luta pelo reconhecimento de seus direitos e participação ativa na sociedade. Logo, ponderamos que essa discussão é relevante para que o movimento da inclusão possa ser efetivado, entre outros, nos ambientes de educação formal e não formal.

METODOLOGIA

Essa pesquisa tem um caráter documental bibliográfico, onde serão analisados trechos de produções dos anos 1970. Desse modo, utilizaremos como principal fonte a enciclopédia *Nossas Crianças*, principalmente as seções intituladas *criança problema*, *psicologia*, e *vida escolar*, pois trazem artigos que exploram com mais rigor sobre os comportamentos considerados adequados para as crianças, como a escola e a família interferem nesses modelos comportamentais e como elas buscam tratar ou amenizar determinadas condutas. Embora essas três seções sejam significativas em nosso estudo, as demais partes da enciclopédia conversam entre si a todo momento, sendo necessário destrinchá-las para uma melhor compreensão da obra como um todo e de seus objetivos. Nesse sentido, ratificamos que a natureza da pesquisa foi básica, sua finalidade exploratória e os procedimentos que viabilizara tal estudo, como relatado, foi a pesquisa

⁴As informações foram retiradas de uma propaganda da revista *Realidade* que, além desses dados, apresenta a coleção aos pais como tendo “respostas para muitas dos seus problemas” e sendo a “mais consultada da sua estante”. **Realidade**, v. 55.p.166.

bibliográfica e documental, pois de acordo com Dalberio e Dalberio (2009), buscamos em livros e artigos o subsídio historiográfico necessário, bem como na Enciclopédia Nossas Crianças e verbetes de outros periódicos relacionados, evidências documentais sobre a percepção das crianças com deficiência no panorama educacional e familiar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar do número de analfabetos no Brasil ainda ser muito alto nos anos 50, quando foi publicada, *As Crianças e Nós*, com a qual iniciamos nossa discussão, o alto consumo desse tipo de publicação, sobretudo após o golpe de 1964, mostra que havia um mercado editorial que se interessava pela formação das crianças brasileiras.⁵ Não obstante, ao mesmo tempo em que havia a censura de manifestações dentro de um campo contestatório, houve uma grande explosão das publicações didáticas, facilitadas por iniciativas dos governos militares ao empresariado.

É nesse momento de expansão do mercado editorial brasileiro que a editora Abril se destaca entre os grupos de comunicação nacionais desenvolvendo a sua proposta de sucesso: levar o conhecimento e a cultura de modo simples e sintetizado para as classes menos abastadas e mediante preços acessíveis.⁶ Esse modelo estava bastante afinado com as propostas dos governos militares. Como exemplo, temos a Fundação Nacional do Material Didático, a FENAME, instituída em 1968, que produzia e distribuía materiais escolares e didáticos nas escolas, de modo a contribuir para a melhora de sua qualidade, preço e utilização. Além da COLTED, a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático foi criada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) no ano de 1966, com a finalidade de coordenar a produção, edição e distribuição de livros didáticos. Sendo assim, tais instituições permitiram que houvesse um maior incentivo na produção dos referidos materiais.

⁵ Segundo o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), em 1960 a taxa de analfabetismo entre brasileiros acima de 15 anos de idade ainda era de 40% e o número de analfabetos total chegava a 46%. Fonte: INEP- Estatísticas da Educação Básica no Brasil, extraído do Relatório para a Conferência Internacional de Educação em Genebra, (1996).

⁶ No início dos anos 1970, circulava nas publicações da Abril uma propaganda que colocava em evidencia a sua conhecida logomarca: a árvore. Tendo em destaque a frase “*As sementes que esta arvore já espalhou, há muito dão bons frutos a este país*”, a publicidade tratava dos mais de 300.000.000 de fascículos editados e vendidos pelo grupo. Na campanha, o sucesso da editora era creditado a duas razões: “a primeira é que o nosso país tem uma enorme vontade de aprender. A segunda é que faltava alguém que tornasse a cultura acessível para todos. Foi o que a Abril fez.”

Nesse cenário, o grupo Abril foi, aos poucos, conquistando a liderança em quase todos os segmentos editoriais do país. (MARTINS; LUCA, 2008). Segundo Pereira (2005), entre 1968 e 1982, a Abril vendeu mais de um bilhão de fascículos, 30 milhões de romances e 11 milhões de enciclopédias, como a *Conhecer* (1966), *Medicina e Saúde* (1967) e a *Mitologia* (1973).

Entretanto, conforme mencionado anteriormente, trataremos da Enciclopédia *Nossas Crianças*. Esta é apresentada como uma obra que, de modo simples, porém acompanhada do aval de profissionais que garantiam o rigor científico, trata do bebê antes mesmo de nascer, passando pelas fases de engatinhar, correr, andar de bicicleta, ter interesses sexuais, até seus momentos na escola, onde a referida publicação ensina como a criança aprende a aprender.

Em 1970 na apresentação do volume 1 de *Nossas Crianças*, Victor Civita, dono da editora Abril, descreve a criança como um ser pequeno, estranho, maravilhoso e frágil que precisa de cuidados especiais e diz que a editora se orgulha de estar auxiliando os pais a cuidar e educar os filhos pois assim, estavam “ajudando a moldar homens sadios e bem formados para maior grandeza do Brasil de amanhã”⁷. Para ingressar na vida adulta, a criança deveria ser cautelosamente preparada para obter sucesso.⁸

Nessa conjuntura, é perceptível que a enciclopédia em questão, visava promover a concepção de um corpo ideal com capacidades cognitivas e sensoriais “em perfeito estado”, ou seja, não era tolerada a aceitação da criança com alguma condição de deficiência ou dificuldade de aprendizagem. Com isso, caso fosse verificado a emergência de um destes “problemas”, era recomendada a busca por apoio especializado, a fim de que fosse providenciado o tratamento necessário e, por sua vez, garantido o restabelecimento da harmonia no espaço familiar e educacional. Sobre isso, vejamos o que nos diz Glatt (1995, p. 1-2):

⁷ Victor Civita aparece prefaciando praticamente todas os títulos publicados pela editora na época. Segundo Pereira (2009) essa era uma estratégia da Abril para trazer o leitor para mais perto da editora, dando uma ideia de aproximação entre a publicação e o leitor, o que gerava um maior número de vendas. Contudo, para Civita, publicar esse tipo de enciclopédia, além dos lucros, também significava estimular a formação das crianças e jovens, tratava-se de um ato patriótico. Essa postura de se colocar a serviço do país salienta a harmonia existente entre a publicação e o regime político vigente.

⁸Todos os fascículos e enciclopédias produzidos pela editora Abril eram assinados por Victor Civita, pois, assim, o grupo editorial construía mais uma estratégia de convencimento do cliente. Tal atitude dava ao produto comercializado um simbolismo, sendo ao mesmo tempo uma mercadoria fabricada pela indústria e, portanto, submetida a lógica do lucro, e um objeto cultural detentor de diversos simbolismos. (PEREIRA, 2005).

Mesmo que hoje em dia, no mundo "civilizado", as pessoas portadoras de deficiência não pereçam, nem sejam exterminadas (embora ocasionalmente isso volte a acontecer, como por exemplo na Alemanha Nazista), pode-se dizer que socialmente elas são exterminadas. Pois, além de excluídas das responsabilidades sociais, também o são dos privilégios, vantagens e oportunidades, inclusive afetivas. Assim, sob o ponto de vista da evolução filogenética, o processo de seleção natural, com o passar dos tempos, tomou uma nova forma: de seleção natural física passou a ser uma seleção "natural" social. Em outras palavras, devido ao progresso material da civilização, formou-se um enorme contingente de indivíduos que conseguem sobreviver fisicamente, mas que por não terem as condições básicas de lidar independentemente com o meio ambiente, não sobrevivem socialmente.

A autora expõe uma realidade que, embora fosse extremamente marcante no momento sócio histórico que contextualiza a produção, disseminação e uso da Enciclopédia Nossas Crianças, ainda hoje é um cenário que se mostra atual. De toda forma, no tocante à Educação, evidenciamos que o processo de estereotipização do ser humano, impõe tipificações padronizadas em relação aos modos, tempos e ritmos de aprendizagem sendo, portanto, a deficiência uma condição que, ao interferir nessa dinâmica de maneira negativa, é rotulada pela sociedade como um estado de desvalia, em comparação com o modelo de criança sadia, ensejado pela enciclopédia. Isto posto, era preciso pensar nas alternativas para escolarização das crianças com deficiência, o que resultou na elaboração e proposição de estudos, cuja divulgação junto à Escola e a Família ocorreu, entre outros documentos, de forma didática, por meio da Enciclopédia Nossas Crianças. Corroborando com o exposto, Tomporoski, Lachman e Bortolini (2019, p. 27):

Com o advento da Idade Contemporânea, as atitudes para com as pessoas deficientes se modificaram, pois as instituições principiaram a se preocupar com a escolaridade. Porém, a perspectiva de integração não aconteceu nessa etapa. A sociedade moderna ainda iria manter por muito tempo essa prática segregadora, separando ou isolando aqueles que de uma forma ou de outra não correspondiam ao modelo idealizado.

Percebe-se que emergia uma tentativa de integração, porém ainda sobremaneira deturpada, na medida em que a Educação começava a ser entendida como um direito possível a ser conferido às pessoas com deficiência, mas que deveria ser “oportunizado” em ambientes isolados, em concordância com a reabilitação, do ponto de vista médico, desses sujeitos. Com efeito, nos anos 70, era predominante a concepção biomédica da

deficiência, a qual consoante Ribeiro, Bezerra e Holanda (2015), elucida a explicação de sua existência, práticas de convívio e cuidado, em consonância com o olhar da Medicina sob a ótica da “patologização”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

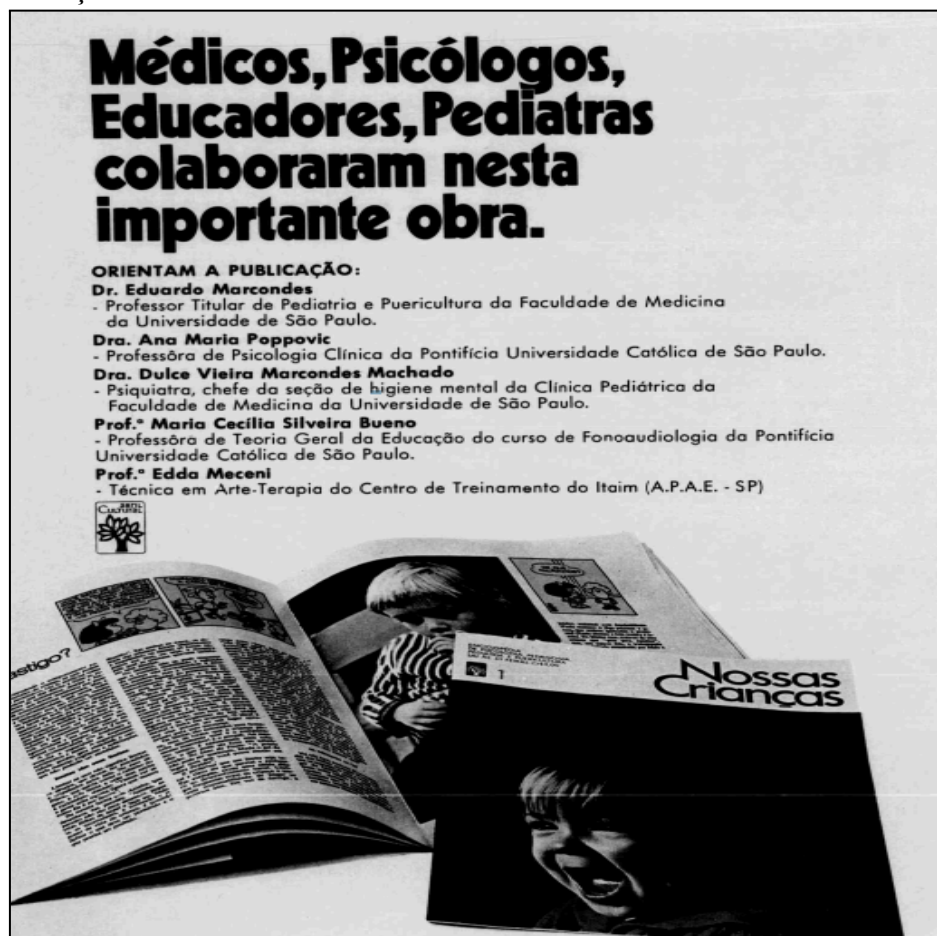
Victor Civita é bem claro em sua fala “homens sadios e bem formados”. Desse modo, podemos conceber que todos aqueles que não se encaixam nesse padrão estavam fora do que é considerado apropriado. Em seu curso no Collège de France, no ano de 1975, Michel Foucault ministrou onze palestras, tendo a transcrição de todas essas aulas se transformado no livro *Os Anormais*:

O curso apresenta uma reconstrução genealógica do conceito de “anormal”, erigido durante o século XIX, que inicialmente se dá em meio ao embate entre os saberes jurídico e penal, até ir-se encaminhando para uma psiquiatrização do desejo e da sexualidade, já no fim do século XIX. Permeando essa reconstrução, Foucault, a todo o momento, apresenta elementos que servem para definir: as diferentes personagens que antecedem o “anormal”, os dispositivos que servem à sua definição, a raridade ou a frequência da aplicação desta noção e a tecnologia de poder que lhe corresponde (Almeida, 2006, p. 361).

O anormal é uma categoria que não se encaixa naquilo que é desejado. Dessa forma, *Nossas Crianças*, por intermédio de seus verbetes reforçam dispositivos, como aponta Foucault, que definem o que é normal e o que não é. Às vezes de modo simples, apresentando formas de higienização, outras vezes de modo mais particular tratando de temas como crianças com diversos tipos de deficiência, em um período que incluir não era a intenção, mas a integração, onde as pessoas com deficiência deveriam ser inseridas nos diferentes espaços, contudo, sem incomodar a sociedade ou prejudicar a sociabilidade das famílias.

Para tanto, a editora Abril se utiliza do discurso médico e científico como forma de legitimar o seu discurso, como podemos ver na propaganda abaixo, retirada da revista *Realidade*, em 1970. Quer dizer, não se trata de um leigo dando sua opinião sobre como criar e educar uma criança, mas de especialistas saídos de universidades renomadas como a USP em um momento em que muitos perderam seus empregos e foram contratados pela editora Abril, conforme exposto abaixo:

Figura 1 - Profissionais que formavam o corpo editorial de Nossas Crianças.



Fonte: Realidade [...] (1970).

Na Enciclopédia Nossas Crianças fica explícito, portanto, a compreensão de que a causa da deficiência estava na criança como uma espécie de “culpa” atribuída a um comportamento desviante e ou herança genética não desejada. À este infortúnio era preciso que fossem consultadas, principalmente, as autoridades médicas, inclusive, em relação às atitudes de “integração” escolar, o que nos revela uma problemática preocupante: as tomadas de decisão em relação às questões de caráter pedagógico, em suma, não estavam sendo analisadas e efetivadas pelos profissionais aptos para tal, ou seja, os professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resposta ao objetivo levantado, na perspectiva da Enciclopédia Nossas Crianças, verificamos que as crianças com deficiência eram concebidas como sujeitos, cujos comportamentos típicos em suas fases de desenvolvimento não correspondiam ao previsto culturalmente e biologicamente, o que gerava uma frustração nas expectativas da família, que aguardava uma criança inserida nos padrões ditos “normais”.

Passada a fase de negação, é evidenciada a busca pela reparação ou abrandamento da referida condição, sobretudo, mediante orientação de profissionais da área da saúde. Com efeito, o objetivo norteador nesse cenário, é tentar adequar a criança com deficiência às normas sociais de postura e convivência, conferindo à ela a responsabilidade total por atitudes diferentes advindas de suas singularidades. À família não é atribuída nenhuma incumbência e ou influência atrelada à origem de problemas emocionais ou comportamentos “atípicos”. O foco estava em tornar a condição de deficiência menos perceptível possível, de modo que não possa causar “incômodos” ao entorno. Como exemplo, citamos a busca incessante pela oralização dos surdos, o que representa uma violência e desrespeito à identidade da pessoa surda, em prol do “bem estar comum”.

Nessa conjuntura, o acesso à educação é propiciado numa ambiência prevacente de segregação e a maioria dos docentes não percebem o potencial que sua formação possui ou tem essa consciência, mas não lhes são oferecidas as condições de trabalho que possibilitasse a integração concreta das crianças com deficiência e, posteriormente, sua inclusão, ideal ainda muito distante nesse contexto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francis Moraes de. Resenha de " Os anormais" de FOUCAULT, Michel. **Sociologias**, v. 8, n. 16, p. 360-367, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/5615/3226>. Acesso em: 17 out. 2024.

DALBERIO, Osvaldo; DALBERIO, Maria Célia Borges. **Metodologia científica: desafios e caminhos**. São Paulo: Paulus, 2009.

GLAT, Rosana. **A integração social dos portadores de deficiência: uma reflexão**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.



NOSSAS CRIANÇAS. São Paulo: Abril, 1972-1973.

RIBEIRO, Renata Rosa Russo Pinheiro Costa; BEZERRA, Tarcileide Maria Costa; HOLANDA, Telma Regina Pessoa. História e política da educação especial: da exclusão à inclusão. *In*: SAMPAIO, Rosa Maria Goes; PINTO, Soraya Eli Lyra (Org.). **Inclusão**: saberes, reflexões e possibilidades de uma prática em construção. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 21-40.

TOMPOROSKI, Alexandre Assis; LACHMAN, Vivian; BORTOLINI, Ernani. Educação especial, o longo caminho: da antiguidade aos nossos dias. **Caderno Zygmunt Bauman**, v. 9, n. 21, p. 21-36, 2019. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/12546/7003>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FONTES

Enciclopédias e livros

Nossas Crianças (7 volumes) - Editora Abril, 1972, 1973.

A Criança e Nós (8 volumes) - Editora Fundo de Cultura, 1961.

Revistas

Realidade (1966-1976)